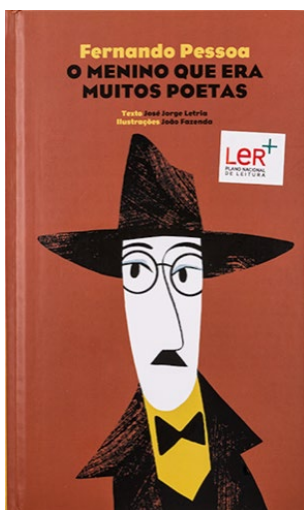


O menino que era muitos poetas

Thiago Sogayar Bechara*

LETRIA, José Jorge (texto); FAZENDA, João (ilustrações). *Fernando Pessoa: o menino que era muitos poetas*. (Col. Grandes Vidas Portuguesas). Lisboa: Pato Lógico / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.^a ed. 2018. [1.^a ed., 2014]. 40 pp. [ISBN: 978-972-27-2678-8].

*Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Sôa dentro da minh'alma.*
(PESSOA, 1914: 11)



Apresentar a vida de Fernando Pessoa para o público infanto-juvenil e despertar neste o interesse para sua vasta e profusa obra, não obstante ser empresa já por alguns realizada, não deixa por isso de constituir relevante reiteração do local indiscutível que o autor lisboeta conquistou. Não apenas na Lusofonia como em todos os quadrantes do planeta, ao imprimir sobre sua “aldeia”, o bairro alfacinha do Chiado, as cores e sons inerentes à anímica e pulverizada essência do homem moderno.

Preocupado em registrar de modo singelo e despretenso dados de natureza biográfica, tais como locais de convívio e habilidades ou hábitos do poeta, mas sobretudo fatos relativos à infância do jovem fingidor, o livro *Fernando Pessoa: o menino que era muitos poetas*, de José Jorge Letria (cf. <http://www.josejorgeletria.net/>), acompanhado das ilustrações de João Fazenda (cf. <http://www.joaofazenda.com/>), cuja segunda edição foi impressa em Março de 2018, enfatiza de modo mais evidente o consagrado mosaico heteronímico. Aposta, assim, no fascínio que a valorização deste aspecto de sua personalidade e obra possa exercer sobre a imaginação solta dos miúdos.

Aliás, fá-lo com liberdade e bons achados, ainda que evite implicar-se demasiado no material poético pessoano propriamente dito, à semelhança do que já

* Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Teatro (CET/FLUL).

se tem observado com maior ou menor sucesso em trabalhos de natureza similar, em Portugal ou em países como o Brasil.¹

Escrito num registro informal e corredio, o à-vontade do texto de Letria parece almejar um efeito comunicativo imediato, abrindo mão de alçar voos mais ousados no que se refere à sofisticação estilística, à imposição de rimas, ou mesmo à métrica. Tal recurso, em alguns momentos, parece gerar excessiva simplificação de possibilidades que, doutro modo, revelar-se-iam ricas oportunidades. Ainda assim, a escolha constitui, de modo lato, um ganho inegável para tornar o simpático volume, de capa dura e bela impressão, num atraente convite ao conhecimento de um autor fundamental. Um dos bem-sucedidos jogos de ideia, neste sentido, é a inversão instigante que se traça entre *haver poetas no menino* em dialética com *haver meninos no poeta*.

Outro ganho obtido pelo livro é sua aposta na identificação de lugares e tradições portuguesas, particularmente lisboetas, que marcaram a vida de Pessoa, mas que seguem sendo espaços e costumes sociais de grande representação simbólica para toda a população, tais como as ruas da Prata e do Ouro, o Terreiro do Paço e o restaurante Martinho da Arcada, o bairro do Campo de Ourique em que Pessoa viveu, ou o largo de São Carlos, onde o poeta nasceu naquele 13 de junho de 1888. Nascido, aliás, em frente ao emblemático Teatro Nacional de São Carlos. Daí a pertinência da correlação poética que o texto de José Jorge Letria traça acerca da questão da *musicalidade* da palavra poética em Pessoa, como retomarei.

A associação da poesia como forma de canto por meio do qual Fernando Pessoa teria dado asas à sua própria voz fica bem urdida, aliás, no excerto em que lemos:

Ele usava a palavra, cantante e livre,
em vez de usar o violino,
o violoncelo, a trompa ou a voz
e era sempre com a palavra
que gostava de estar a sós,
como às vezes, em dias tristes,
acontece com qualquer um de nós.

(p. 7)

Embora, como dito, a obra literária do autor não tenha sido diretamente chamada em diálogo, injusto seria não referir os importantes aproveitamentos no texto de títulos e ideias presentes com força na obra pessoana, tais como a noção do “fingir tão completamente” do poema “Autopsicografia” (1-4-1931) (PESSOA, 2006: 45); a referência à famosa “Ode triunfal” (1914; de Álvaro de Campos (PESSOA, 2014b: 48); ou a imagem do salgado “Mar português” presente no livro *Mensagem* (1934) (PESSOA, 2014a: 80), para

¹ Cito, como exemplo, duas obras: a lusitana *O meu primeiro Fernando Pessoa* (JÚDICE; PROENÇA, 2017) e a brasileira *E se eu fosse outros?* (BRETANHA; FORTI, 2017), ambas igualmente voltadas para o público infanto-juvenil.

além de epítetos ligados à biografia de Pessoa, como “O menino da sua mãe” (PESSOA, 1942: 217).

Tais inserções colorem de um sabor todo pessoano o lirismo do poema de Letria, o qual não se furta, igualmente, de honrar importantes figuras verídicas da vida do poeta ou mesmo da história de Portugal. Não há como não mencionar os lembrados nomes do escritor e amigo Mário de Sá-Carneiro, da namorada Ofélia e mesmo dos reis portugueses Dom Dinis e Dom João II.

Não obstante a reiteração do trocadilho com o apelido do autor (Pessoa / pessoas) – excessiva por vezes, posto que não propriamente inédita –, a mesma é engendrada com graça. Trata-se de uma ideia que interessará aos jovens e que, inegavelmente, vem de fato de um homem que pareceu ter-se apropriado do apelido para materializá-lo literariamente em tantas personagens de si.

Mas a insistência em realçar tal coincidência ocupa lugares temáticos que bem poderiam ter sido explorados doutras maneiras. Os que partissem, por exemplo, de uma variedade maior de informações cotidianas que serviriam ainda mais para humanizar e aproximar a figura histórica de Pessoa do público jovem.

Viram-se relegados, neste sentido, dados tais como a profissão de tradutor, as mudanças de casa, a compra da tipografia e mesmo o aprofundamento de informações prestadas senão superficialmente, como seus dez anos de vida em Durban. Neste caso, as influências literárias inglesas ali recebidas seriam bem-vindas. Também os méritos mais bem dimensionados da histórica revista *Orpheu* ou até de *topoi* vinculados à sua prosa e à sua dramaturgia – tendo Pessoa se autoafirmado, acima de tudo, um poeta dramático.

Que não se ignore, contudo, a provável referência à peça *O marinheiro*, que Pessoa publicou no primeiro número de *Orpheu* (1915), sobre a qual, se assim for, Letria parece versar ainda que indiretamente, mas com sutil poeticidade, deixando-nos o rastro do simbolismo com ecos maeterlinckianos, que marca a primeira obra teatral do projeto pessoano do drama estático. O excerto diz: “Sonhou muito, sonhou tudo, | mas desse cais não partiu, | marinheiro feito de pedra | que por tantos se dividiu [...]” (p. 32).

Difícil não pensar no marinheiro sonhado pela personagem da Segunda Veladora. Esse marinheiro é obrigado a criar nova versão de si (“por tantos se dividiu”) após ter-se esquecido de quem fora antes de aportar na ilha deserta onde passa a habitar, a partir do onírico ocorrido, num provável paralelismo com o que se dá na peça.

Faço, entretanto, uma ressalva a mim como crítico, que tem a ver com o referido não aprofundamento de alguns dados fundamentais da importância de *Orpheu*, marco do movimento moderno em Portugal, aprofundamento este de que senti falta. Mas não sem louvar a sensível lembrança que, habilidoso em seu ofício, José Jorge Letria garantiu acerca da importância da mitologia grega e, neste sentido, de toda uma cosmovisão classicizante não só presente de modo arraigado na obra de Pessoa, como elemento central da constituição de uma proposição moderna muito presente na revista, a partir da subversão do amplo conhecimento que Pessoa tinha da literatura greco-latina.

Neste sentido, duas são as provas textuais que apresento para louvar a importância que é dada a tal aspecto, a meu ver, definidor de tantos itens das mundividades pessoais:

Era assim este poeta
que tanto podia ser
Fernando, Bernardo ou Caeiro,
ou até Homero, poeta cego,
a quem ele encomendaria
um outro Livro do Desassossego.

(p. 20; negrito meu)

E foi amigos de deuses,
sobretudo de um chamado Orpheu
que deu o nome à revista
onde ele muito escreveu [...].

(p. 22; negrito meu)

No rol de opções funcionais ou não, verificadas em determinada obra literária, o que está em causa não é acertar ou errar, mas assumir com coerência a responsabilidade pelas escolhas feitas. E por alguma razão elas o são. Daí que sobre a resultante das escolhas feitas pelo autor é sem favor que se pode afirmar que tais ausências ficam compensadas por sensíveis aproveitamentos pictóricos no quadro da imagética textual de Letria. Tal diálogo se processa por meio de uma rica associação de memórias visuais vinculadas a Fernando Pessoa por meio da tradição.

É neste contexto que surge com surpreendente força o verso em que somos tocados pela delicadeza daquele *fato de marujinho*, clássica fotografia de Pessoa inda pequeno, capaz de comunicar imenso sobre a candura reflexiva do olhar do menino. Com igual intensidade, emergem as temáticas marítimas que, nascidas em terra de navegadores, não cessaram de atrair ao cais de pedra que pareciam ser a saudades que Pessoa demonstrou sentir de si mesmo. Como que todo esse arsenal de simbolismos se nos figura embutido na imagem que Letria evoca ao ficcionar a cena, mesmo sem dar-nos a foto:

“Fernandinho, vem para a mesa,
está o jantar a arrefecer.”
Fernando ajeitou a gola
do fato de marujinho
e partiu pelo rio fora
sobre o dorso de um golfinho [...]

(p. 34; negrito meu).

Não cabe, estritamente, à alçada do crítico a pretensão de julgar quais caminhos e opções melhor se adequariam à proposta de determinado trabalho, mas

antes o dever de analisar o que foi feito; o dever da proposição de um diálogo entre seu espírito e conhecimento, e o contexto de um resultado literário, composto de escolhas que, bem ou mau, equacionam um panorama conjuntural que cabe ao analista destringer criticamente.

É o que procuro aqui, ao observar como central e altamente positiva a subjacente relação que se estabelece de imediato entre a ideia da musicalidade da palavra e a simbologia de ter Fernando Pessoa nascido no largo em que nasceu. Tal derivação torna-se bastante pertinente inclusivamente para o vermos como o maestro orquestrador da heteronímia (p. 10), isto é, para melhor compormos a imagem mental de uma polifonia de vozes, potencializada pela excelente ilustração de João Fazenda. Lúdica, singela, elegante e eficaz em seu libérrimo caráter onírico, ela cumpre sua função, não de legendar o já dito, mas de dialogar organicamente com o texto por meio de complementaridades e antagonismos: na esteira da relação estabelecida por Pessoa entre Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e o desassossegado Bernardo Soares.

Destaco também a profusão de modelos de sapatos negros orbitando, como sombras autônomas, em torno do par de calçados brancos centrais (p. 27). E, claro, o refratar-se das oito sombras (p. 9) saindo todas do pé de um só homem. Em não sendo totalmente inédita, a força dessa reiteração, produzida pelo talento do jovem desenhador lisboeta, exerce papel decisivo de visualização desta alma multifacetada, como um prisma que de sua unidade reverbera muitas identidades – facho apontando para sentidos vários, a partir de uma única figura biológica.

Não se trata, portanto, de referirmo-nos ao veterano escritor, poeta, dramaturgo, jornalista, compositor, político e professor nascido em Cascais, José Jorge Letria. Nem tampouco ao desenhador e ilustrador lisboeta residente em Londres, com atuação em periódicos, livros, banda desenhada e capas de discos João Fazenda, Prêmio Nacional de Ilustração de 2016 em Óbidos. Trata-se, antes, de valorar o resultado individual de seus esforços artísticos, bem como a organicidade com que seus trabalhos se amalgamam, gerando possibilidades de significação eficaz, tendo por referência de eficácia aquilo que transmitir com maior poder de aprisionamento da atenção do leitor-mirim elementos como clareza, ludicidade, originalidade estilística, variedade temática e, claro, aprendizado. São alguns dos critérios que procurei adotar em minha leitura analítica.

Por fim, pretendo não deixar de comentar duas imagens marcantes do universo de Fernando Pessoa que Letria também não se priva de explorar e que parecem de algum modo cruzar-se. Uma externa ao poeta, a arca onde guardou os papéis de uma vida. E outra interna, referente à sua faculdade astrológica.

Afinal, se o ter nascido com Sol no signo de Gêmeos corroborou para que Pessoa gerasse, de si, tantos filhos, ainda que bivitelinos, não foi menor que este conhecimento milenar a importância do antigo baú que serviu de berço e manjedoura física para todo este desdobrar-se. Geminianamente, tanto o ortónimo

quanto os heterónimos tiveram parte de suas integridades, físicas e espirituais, garantidas graças ao conhecimento da Astrologia que Pessoa encerrava, e à arca de seu quarto a qual, por assim dizer, encerrava Pessoa.

Parece ter sido, destarte, com a mesma afetividade e conhecimento de causa de Pessoa sobre os assuntos planetários, que José Jorge Letria e João Fazenda lançaram-se a este breve mapa natal, trabalho em que o escritor e o ilustrador integram-se à coleção que conta com títulos infanto-juvenis a partir das vidas de ilustres personagens da história portuguesa. Propiciam, assim, a perpetuação renovada do interesse das novas gerações sobre emblemas fundamentais do passado, a fim de uma apropriação mais consistente do presente. Só assim, por esta “correia de transmissão”, para usar o termo de Álvaro de Campos, é que artistas como Fernando Pessoa puderam também sonhar por escrito com um projeto de futuro.

Bibliografia

- BECHARA, Thiago Sogayar (2018). *O marinheiro (de) Fernando Pessoa: heranças clássicas no drama estático*. Lisboa: Edições Colibri.
- _____. (2016). “Tragicidade e heranças clássicas no drama estático O marinheiro, de Fernando Pessoa” (Introdução de Christopher Damien Aurette). *Passages de Paris*, vol. 13, p. 465-481.
- BRETANHA, Sidney (texto); FORTI, Rogério (ilustrações) (2017). *E se eu fosse outros?* Taubaté: Editora Bretanha.
- JÚDICE, Manuela (texto); Proença, Pedro (ilustrações) (2017). *O meu primeiro Fernando Pessoa*. Alfragide: Dom Quixote / Leya, 10.ª ed. [1.ª ed., 2006].
- LETRIA, José Jorge (texto); Fazenda, João (ilustrações) (2018). *Fernando Pessoa: o menino que era muitos poetas*. Lisboa: Pato Lógico Edições / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.ª ed. [1.ª ed., 2014]. (Coleção Grandes Vidas Portuguesas).
- PESSOA, Fernando (2014a). *Mensagem*. Estarreja: Mel Editores.
- _____. (2014b). *Obra completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2006). *Poesia 1931-1935, e não datada*. Edição: Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1942). *Poesias*. Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática. (15.ª ed., 1995.)
- _____. (1914). “Impressões do Crepusculo”. *Renascença*, n.º 1, Lisboa, fevereiro, p. 11.
- RICHARDS, I. A. (1967). *Princípios de crítica literária*. (*Principles of literary criticism*). Trad. Rosaura Eichenberg Flávio Oliveira e Paulo Roberto do Carmo. Supervisão de Gerd A. Bornheim. Prefácio e notas: Angelo Ricci. Porto Alegre: Editora Globo / Editora da Universidade de São Paulo.

THIAGO SOGAYAR BECHARA é o autor de mais de dez livros no Brasil e na Europa, é jornalista cultural, crítico literário e mestre em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com tese publicada sobre as heranças clássicas no drama estático *O Marinheiro* de Fernando Pessoa, por meio de interlocuções com a obra heteronímica. É doutorando em Estudos Portugueses e Românicos pela mesma instituição, com investigação sobre a lírica do Fado no século XX a partir também de suas marcas clássicas e trágicas, com orientação de Rui Vieira Nery. De entre outros ensaios e artigos integrantes de revistas e livros, publicou em 2016 *Tragicidade e heranças clássicas no drama estático O Marinheiro, de Fernando Pessoa* pela franco-brasileira *Revue Passages de Paris*, França, n.º 13. O site do autor é www.thiagobechara.com.br.

THIAGO SOGAYAR BECHARA is the author of more than ten books in Brazil and Europe. He is a cultural journalist, literary critic and magister in Theater Studies at the Faculty of Letters of the University of Lisbon with a published thesis on the classic inheritances in the static drama *O Marinheiro* by Fernando Pessoa, through interlocutions with the heteronymic work. He is a doctoral candidate in Portuguese and Romanesque Studies by the same institution, with research on the lyric of Fado in the 20th century, also from its classic and tragic traits, under the guidance of Rui Vieira Nery. Among other essays and articles included in magazines and books, in 2016 he published *Tragicidade e heranças clássicas no drama estático O Marinheiro, de Fernando Pessoa* [Tragicity and classic inheritances in the static drama *O Marinheiro*, by Fernando Pessoa] for the Franco-Brazilian *Revue Passages of Paris*, France, no. 13. The author's website is www.thiagobechara.com.br.